



RICARDO JOSÉ OLIVEIRA FERRO

Especialista em Processos Midiáticos e Novas Formas de Sociabilidade pela Ufal, Jornalista e Radialista

## Fatos que são da nossa competência

Nesses últimos dias aproveitei algumas horas do meu tempo para refletir sobre a situação de uma das instituições que faço parte, ou seja, o Sindicato dos Jornalistas de Alagoas. Em meio a esse turbilhão de pensamentos em que estive mergulhado lembrei-me de situações e de pessoas que, muitas vezes, fazem uso da frase ou do pensamento “isso não é da minha conta”.

Graças a toda essa eferescência política que a instituição vive, compactuo com o pensamento do filósofo e escritor Mario Sergio Cortella. Segundo ele, “a cidadania não se esgota na eleição, não termina no voto. Ela se dá no dia a dia, quando eu participo, quando eu debato, interesse-me”. O escritor vai além e enfatiza que “(...) cada vez que eu deixo de lado a minha participação, a minha presença, eu estou me omitindo”.

Logo, é vital ter consciência de que a gestão de uma instituição de classe foca em acertos que se destinam a melhorar a vida dos seus representados e, nessa caminhada, nem todos os objetivos e metas são atingidos. Falhar faz parte do processo, é fato! Só que nesse procedimento, nessa construção diária, eu – enquanto repre-

sentado – não posso e não devo querer me colocar na postura de neutro porque se assim o fizer estarei ao lado de quem detém mais poder, no caso, os patrões.

Valho-me mais uma vez da construção textual de Cortella. Para ele, “se alguém vê um menino de 15 anos disputando uma bala com um menino de 5 anos e diz: “Não vou me meter”, bem, já se meteu. Porque ficar omissos é ficar do lado de quem vai ganhar”.

Transpondo essa pequena história para nossa realidade sindical é possível visualizar o seguinte cenário: o menino de 15 anos – pode ser representado pelos patrões dos jornalistas, donos do capital, detentores do poder; já o menino de 5 anos – somos nós jornalistas, trabalhadores, assalariados, vendedores da nossa força de trabalho. É claro que nessa disputa o menino de mais idade tem mais força do que o menino de 5, principalmente se esse último menino estiver fragilizado.

A partir do instante que eu estou fortalecido eu consigo entender porque determinadas ações são feitas e outras não. Estabelece-se nesse movimento uma relação pedagógica. O mestre Paulo Freire dizia o seguinte:

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. As pessoas se educam numa relação”. E assim, sindicato e base se educam mutuamente.

Percebo, dessa forma, que muitos companheiros jornalistas por não cumprir suas tarefas de representados, limitam-se apenas a profirir, por meio de suas redes sociais, reclamações contra sua entidade de classe, no caso, o Sindicato dos Jornalistas de Alagoas.

Amparo-me mais uma vez em Mario Sergio Cortella que enfatiza que, às vezes, reclamações tornam-se uma espécie de esporte, algo como atirar dardos. Não é que sindicatos, governos, associações e companhias sejam imunes à reclamação e à crítica. Ao contrário, pondera Cortella, eu tenho o direito de fazer críticas. Mas eu não posso, como cidadão, habituar-me a, em vez de fazer o que tenho que fazer, apenas reclamar.

O referido filósofo garante que “se eu participo, se eu tenho atividade, eu cumpro a antiga máxima: É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão”. É fundamental que possamos refletir sobre outra frase usada por Cortella: “Os ausentes nunca têm razão”.